



22º CONGRESSO BRASILEIRO DE
PERINATOLOGIA
IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL
de Medicina Fetal da SGOB

CENTRO DE CONVENÇÕES
ULISSES GUIMARÃES . BRASÍLIA . DF
19 A 22 DE NOVEMBRO DE 2014

Trabalhos Científicos

Título:

Autores: FERNANDA ISABELA GONDIM SARMENTO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA E UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE); ELIZABETH CORDEIRO FERNANDES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO); ANA AUGUSTA DE ANDRADE CORDEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO); MARIA DE FÁTIMA DE SOUZA SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO); IRACEMA DA SILVA FRAZÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO); ROSEMARY DE JESUS MACHADO AMORIM (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

Resumo: Introdução: A morte no cotidiano do trabalho de profissionais de Terapia Intensiva Neonatal tem um significado relativo, complexo e influenciável pelo contexto social, cultural, religioso, comportamental e acadêmico de cada indivíduo. Objetivo: Conhecer a representação social da morte e do morrer de recém-nascidos para equipe multidisciplinar de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). Metodologia: Pesquisa qualitativa com referencial teórico das Representações Sociais de Moscovici. Entrevistas foram realizadas com 28 profissionais de UTIN entre eles médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos e assistentes sociais. As seguintes perguntas norteadoras foram utilizadas: O que lhe vem à mente quando você pensa na morte e no morrer dos recém-nascidos assistidos por você? Que aspectos do seu contexto sociocultural e/ou acadêmico influenciam ou influenciaram na sua maneira de lidar com a morte e o morrer nessa situação? A análise lexical foi realizada com auxílio do software Alceste e a amostragem foi pela saturação teórica do discurso. Resultados: O banco de dados de 28 unidades de contexto iniciais (UCI) foi dividido em 693 unidades de contexto elementar (UCE). Destas foram classificadas 543 UCE, com um aproveitamento de 78,35% do corpus. Dos dados emergiram três classes ou categorias temáticas: o enfrentamento da morte e do morrer (197 UCE = 36%), a convivência com a finitude da vida (79 UCE = 14%) e as influências socioculturais e da academia (267 UCE = 50%). Essas classes permitiram a formação das subcategorias: a vontade de Deus, cuidado paliativo e terminalidade, sentimentos em relação à finitude da vida, lutando para salvar vidas, vivências familiares, formação acadêmica, cotidiano do trabalho, religiosidade. De um modo geral, a morte representou o fracasso do profissional de UTIN que luta para salvar vidas. Os entrevistados relataram falta dessa temática na academia, o que possivelmente gerou conflitos que repercutiram no significado da morte e do morrer de recém-nascidos. A religiosidade e as vivências do cotidiano, particular e do trabalho, foram importantes para representação social da finitude dessas crianças. Conclusão: Esse estudo demonstrou a necessidade da educação permanente e da abordagem dessa temática na academia e nas UTIN para construção de estratégias de enfrentamento da terminalidade.